

## A MANIFESTAÇÃO DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA ESCRITA DE ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES INICIAIS

*Virgínia Silveira Baldow*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Alcione de Jesus Santos*

Universidade Federal de Minas Gerais

*Vera Pacheco*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é analisar amostras de textos escritos por estudantes do 7º ano e do 8º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola pública de Vitória da Conquista, Ba., verificando como os processos fonológicos próprios da fala são transpostos para a escrita e de que forma podem ser explicados. O eixo central é o mapeamento e categorização de processos fonológicos encontrados na escrita desses estudantes, a partir dos pressupostos teóricos de Cagliari (2009). Os resultados das análises realizadas demonstram que, apesar de se tratar de turmas dos anos finais do Ensino Fundamental II, as ocorrências dos processos são ainda frequentes.

**Palavras-chave:** Escrita. Fonologia. Processos fonológicos.

### Introdução

Um dos desafios a serem superados no desenvolvimento e prática da escrita é a habilidade de transpor as palavras do domínio fonológico para o domínio da ortografia. Não raro, a escrita, nos anos iniciais, é ensinada sob a perspectiva de uma correspondência sistemática entre elementos fonológicos e registros ortográficos. De fato, essa relação pode existir, em algumas situações, mas nem sempre será possível estabelecê-la e isso pode causar dificuldades ortográficas significativas, não apenas durante o processo de alfabetização, como também, conseqüentemente, em todo o percurso escolar.

Ao abordar sobre sistema de escrita da língua portuguesa, Cagliari (2009) chama a atenção para o fato de que as letras têm realmente um uso alfabético, ou seja, para uma letra há um segmento fonético correspondente numa relação um a um, a exemplo de “pata” [ ' p a t a ] em que p,a,t,a, na escrita ortográfica, são letras que mantêm uma relação direta com um som determinado, respectivamente. Essa relação é também chamada de biunívoca. No entanto, como observa Cagliari (2009), nem sempre é possível manter a associação “um para um”, na medida

em que há a correspondência, por exemplo, entre uma letra e uma sílaba, ou ainda, uma letra e um segmento além de uma sílaba. Dessa forma, essa correspondência não é sempre harmoniosa pois a escrita não é o reflexo da fala e o que está escrito pode ser lido de muitas formas, observa o autor. Cagliari (2009, p. 101) esclarece tais relações por meio dos seguintes exemplos: a) duas letras podem representar um som (dígrafos) como em “pesquisa” (qu); b) há letras que não possuem um correspondente sonoro: “h”, como em “homem”; c) uma mesma letra pode representar segmentos fonéticos diferentes “x”, “m” etc; d) um mesmo fonema pode ser representado por letras diferentes. O autor ainda destaca os sinais diacríticos como os acentos e sinais de pontuação que se constituem como modificadores sonoros importantes na fala, inclusive em sua entonação.

A literatura sobre fonologia registra que o conhecimento da língua oral direciona o aprendizado da escrita nos anos iniciais. Entretanto, todas as particularidades apresentadas no parágrafo anterior fazem da apropriação da escrita um processo complexo que exige, sobretudo do professor dos anos iniciais, uma nítida compreensão de como se dá a transposição da língua falada para a língua escrita, uma vez que muitas dificuldades na escrita ortográfica, apresentadas inclusive nos anos escolares mais avançados são reflexos da má compreensão dessa (não) correspondência. A falta de relação entre som e grafema pode desencadear erros de escrita significativos e recorrentes, uma vez que

a disposição gráfica da escrita não corresponde exatamente às unidades que se destacam na fala. Em resumo, a escrita se vale de palavras morfológicas e a fala se vale de palavras fonológicas. Nas palavras fonológicas os clíticos (artigos, pronomes átonos, palavras gramaticais) se juntam a um núcleo formando uma única unidade (OLIVEIRA, 1990, p. 40).

Desse modo, conquanto o sistema de escrita da língua portuguesa seja considerado alfabético, deve-se considerar a relativização desse sistema, observando a lógica de que o aprendiz se utiliza para orientar a sua prática de escrita.

É muito comum observar a interferência da oralidade na escrita dos alunos nos anos iniciais. Muitas palavras são grafadas com base no modo como se fala, ou seja, o aluno realiza transcrições fonéticas da própria fala (CAGLIARI, 2009) no ato da escritura. É importante ressaltar que nem todo erro ortográfico encontrado em textos escolares são de natureza fonológica. Há desvios ortográficos que são de outra ordem, como o desconhecimento de regras convencionadas gramaticalmente. Importa-nos, entretanto, neste trabalho, procurar compreender os diferentes tipos de processos fonológicos que se manifestam não apenas na

oralidade, mas também na escrita dos estudantes, a qual tem sido alvo de críticas entre muitos professores de Língua Portuguesa, em razão de múltiplos problemas por eles detectados em suas correções: desde o comprometimento das regras convencionadas gramaticalmente, até aspectos argumentativos manifestados em tais produções. Assim sendo, este trabalho procura analisar amostras de textos produzidos por discentes do Ensino Fundamental, especificamente, do 7º e 8º anos de uma escola pública de Vitória da Conquista. O objetivo é mapear os problemas de ortografia encontrados nos textos procurando compreendê-los, a partir do sistema fonético/ fonológico da língua portuguesa, o qual nos esclarece regras acerca de processos fonológicos que se manifestam não apenas na oralidade, mas também na escrita dos estudantes desde a sua aquisição, nos anos iniciais.

Feitas tais considerações, a questão de pesquisa aqui apresentada é a seguinte: Como se caracteriza a escrita dos estudantes de duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, no que se refere a ocorrência de processos fonológicos em seus textos? Apesar de se esperar que, à medida que se aumente o nível de escolaridade, a presença de processos fonológicos na escrita diminua ou desapareça, nossa hipótese é de que os processos fonológicos continuam se manifestando nos textos escritos, mesmo nos anos finais do Ensino Fundamental.

A descrição e interpretação dos dados se guiará, especialmente, pela análise de documentos, ancorando-se em uma das vertentes da abordagem qualitativa que é a pesquisa documental. O processo de geração de dados desta pesquisa foi, assim, proveniente dos seguintes instrumentos e procedimentos: 1. Coleta das redações produzidas pelos discentes em suas aulas de Língua Portuguesa; 2. Inventário dos processos fonológicos inscritos nos textos; 4. Categorização dos processos fonológicos; 3. Descrição dos processos encontrados; 5. Interpretação dos dados guiada pelas hipóteses e fundamentação teórica. Esta pesquisa constituiu como *corpus* 10 redações, produzidas por alunos de uma turma de 7º ano e uma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Vitória da Conquista. Foram analisadas, até o momento, 5 amostras de cada turma.

O foco da pesquisa ora apresentada, portanto, é o mapeamento dos problemas de ortografia encontrados nos textos, procurando compreendê-los a partir de diferentes tipos de processos fonológicos.

## **1 Classificação dos processos fonológicos identificados no *corpus***

Os problemas de ortografia encontrados nos textos escolares são fatos passíveis de reflexão e análise quanto à motivação de suas ocorrências na escrita dos alunos. Tais ocorrências podem ser perfeitamente explicáveis e compreendidas, a partir do próprio sistema fonético/ fonológico da língua portuguesa o qual nos esclarece regras acerca de fenômenos sonoros recorrentes, tanto na oralidade quanto na escrita, assim como a interação entre essas duas modalidades de linguagem. Dessa forma, grande parte dos problemas ortográficos encontrados pode ser compreendida à luz dos processos fonológicos.

Numa perspectiva fonológica, ao tecer considerações sobre os “erros” ortográficos encontrados em textos de alunos das séries iniciais, Cagliari (2009) explica que os alunos não os cometem aleatoriamente e se apegam a determinadas regras para cometê-los:” Essas regras são tiradas dos usos ortográficos que o próprio sistema de escrita tem ou de realidades fonéticas, num esforço [...] para aplicar uma relação entre letra e som[...]” (CAGLIARI, 2009, p.120). As regras de que nos fala o autor podem ser explicadas por processos fonológicos que são alterações de fones ou de fonemas na fala e na escrita. “Um processo fonológico visa a descrever uma regra relativa a um fenômeno sonoro que ocorre na língua” (MARTINS, s/d), neste caso específico, o texto escrito.

Os processos fonológicos são, portanto, modificações sofridas por fonemas ou grafemas no início, meio ou fim de uma palavra. Eles visam a descrever as regras relativas a esses fenômenos sonoros que ocorrem na língua oral e que muitas vezes, são transpostos para o registro escrito. Silva (2011) classifica os processos da seguinte forma: processos de apagamento; processos de adição; processos de transposição; processos de substituição. Neste trabalho, especificamente, apresentaremos, a seguir, os processos identificados nas análises do *corpus*, quais sejam:

## **1.1 Processos fonológicos de apagamento**

**1.1.1 Apócope:** Consiste na supressão de um ou mais fonemas ao fim de uma palavra; A apócope é recorrente em todos os dialetos e facilmente transposta para a escrita convencional quando, por exemplo, observa-se a supressão na marca do infinitivo.

## **1.2 Processos fonológicos de adição**

**1.2.1 Paragoge:** Adição de um segmento ao final de uma palavra. Exemplo: “Air” em vez de “ái”, “Itabunas” para “Itabuna”.

**1.2.2 Prótese:** Entende-se por prótese o processo de desenvolvimento, na inicial da palavra, de um elemento não – etimológico (DUBOIS, 1973, p. 493). Exemplo: “alevar”, em vez de “levantar”.

**1.2.3 Epêntese:** Trata-se de um fenômeno que consiste na inserção de um segmento (não-etimológico) no meio da cadeia sintagmática. Tal inserção é favorecida pela própria estrutura da sílaba na língua portuguesa, cujo padrão é CV. Diacronicamente, a epêntese influenciou a reestruturação das sílabas em português medieval, a exemplo de palavras como vi:~no – vi~o – vinho. Outro exemplo de reestruturação silábica no português, por epêntese encontra-se em “grupos consonânticos, sílabas CCV, em sucessões de sílabas obedecendo ao padrão universal CVCV.

**1.2.4 Ditongaço:** Processo que ocasiona a segmentação de uma vogal, transformando-a em um ditongo, formando uma única sílaba ou reduzindo um hiato a um ditongo (DUBOIS, p.202). Dessa forma uma estrutura silábica CVC passa a CVVC ex: “arroiz” em vez de “arroz”.

### **1.3 Processos fonológicos de transposição**

**1.3.1 Metátese:** A metátese é reconhecida quando determinados fonemas mudam sua posição na cadeia falada. As consoantes líquidas com menos estabilidade são mais suscetíveis a essa mobilidade, assim como as semivogais pós-tônicas que podem se juntar à vogal tônica (MAQUILHAS, 2019, s/d). Diacronicamente, na passagem do latim para o português, a palavra “sempre”, por exemplo, originou-se de “semper” (DUBOIS, 1973, p. 412), em processo de metátese.

### **1.4 Processos fonológicos de substituição**

**1.4.1 Assimilação:** A assimilação é um processo em que um determinado som pode assumir características de outro, pela proximidade entre os dois. Trata-se de uma alteração sintagmática pois são articulados de forma sucessiva no sintagma (MAQUILHAS, 2019, s/p). De acordo com a autora, a assimilação pode ser reconhecida de três formas: a) assimilação progressiva: interferência do som anterior; b) assimilação regressiva: interferência do som subsequente; c) assimilação dupla: interferência simultânea dos sons anterior e subsequente; d) assimilação à distância: interferências de um som mais distante. Os ambientes fonéticos mais suscetíveis à ocorrência da assimilação são os nasais, anteriores e intervocálicos (MAQUILHAS, 2019, s/p).

**1.4.2 Vocalização:** A vocalização é a transformação de um segmento consonantal, glide, numa vogal, seja numa perspectiva diacrônica, seja numa alternância sincrônica (DIBOS,1973, p.614). Essa vocalização pode ser transposta para a escrita e ocasionar erros ortográficos como “finau” para “final”, “fieu” para “fiel”; “auto” para “alto” etc.

**1.5 Hipossegmentação:** Junção de dois ou mais registros característicos da modalidade falada que, na escrita, não se unem. Exemplo: “Desdeontem” para “desde ontem”.

**1.6 Hipersegmentação:** Ao contrário da hipossegmentação, o processo da hipersegmentação é caracterizado pela separação de segmentos que, na escrita, convencionalmente, não se separam. Exemplo: “só-zinho” para “sozinho”

**1.7 Hipercorreção:** Fenômeno que consiste na procura excessiva de correção que o falante supõe ser a mais culta, normalmente em associação com formas semelhantes. Exemplo “previlégio” em vez de “privilégio”.

**1.8 Sonorização:** transformação de uma consoante surda em uma consoante sonora (MELO, 2015), por exemplo: na pronúncia de algumas crianças, observa-se “pado”, em vez de “pato”.

**1.9 Desvozeamento:** transformação de uma consoante sonora em consoante surda (MELO, 2015): pode-se pronunciar “fassoura” em vez de “vassoura”.

Os processos fonológicos são, portanto, operações mentais que ocorrem na fala, visando potencializar seus traços perceptuais e, ao mesmo tempo, simplificar a sua articulação (STAMPE, 1973, *apud* OLIVEIRA et, al.). Assim, se estes processos são tão comuns na fala e se a fala é, muitas vezes, tomada como base para a escrita, é natural que eles incidam na escrita.

Veremos, a seguir, exemplos de como tais processos podem ser transpostos para a escrita, mesmo em se tratando de textos dos anos finais do Ensino Fundamental II.

## 2 Resultados e discussão

Os resultados obtidos nos textos analisados encontram-se dispostos nos quadros abaixo em que expomos algumas amostras dos processos identificados.

**Quadro 1:** Amostras de processos fonológicos presentes no *corpus*

<b>7º ANO ENSINO FUNDAMENTAL</b>		
<b>Processos fonológicos</b>	<b>Registros dos alunos</b>	<b>Escrita ortográfica exigida no contexto</b>
Apócope	Mas (-is) Pergunto (-u) Gosta (-r) Procura (-r)	Mais Perguntou Gostar Procurar
Ditongação	Professou	Professor
Hipossegmentação	Emcima Porriso	Em cima Por isso
Paragoge	Pedir	Pedi
Hipercorreção	Serguinte Pedir	Seguinte Pedi
Metátese	Apaxionar Pebleia	Apaixonar Plebeia
Vocalização	Difíciu	Difícil
Ditongação	Casarão Fiverão <sup>1</sup>	Casaram Viveram
Sonorização	Fiverão	Viveram
Desvozeamento	Percepia	Percebia

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

**Quadro 2:** Amostras de processos fonológicos presentes no *corpus*

<b>8º ANO ENSINO FUNDAMENTAL</b>		
<b>Processos fonológicos</b>	<b>Registros dos alunos</b>	<b>Escrita ortográfica exigida no contexto</b>
Apócope	Consegui (-r) Respira (-r) Chamo (-u) Encontra (-r)	Conseguir Respirar Chamou Encontrar
Paragoge	Dar	Dá
Hipercorreção	Dar	Dá
Hipossegmentação	De vez enquanto	De vez em quando
Dessonorização	Enquanto	em quando
Hipersegmentação	De mais	Demais
Prótese	Adoado	Doado
Metátese	Semper	Sempre
Assimilação	Simplismente Cumputador	Simplesmente Computador

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

<sup>1</sup> Nestes dois exemplos, a ditongação “-ão” em vez de “-am” decorre de um registro da oralidade pois “- am” é pronunciada como “- aun”. Mas ao transcrever para a escrita, registrou-se outro tempo verbal, isto é, o futuro em vez do passado, como o contexto exigia.

Nas duas séries dos anos finais do Ensino Fundamental, observamos que houve um maior número de incidências do Apócope em relação aos demais processos encontrados. Ao considerarmos os “erros” ortográficos desses estudantes, observamos que tais “desvios” não são característicos de um desconhecimento das regras do sistema ortográfico, mas foram motivados pela tendência de se escrever como se fala. A apócope, por exemplo, é categoricamente assimilada na oralidade e transferida para a escrita, conforme evidenciam os dados apresentados, assim como os demais processos, mesmo aqueles que, segundo a literatura, deveriam ser superados após os cinco anos de idade, a exemplo da Sonorização e Desvozeamento:

O enurdecimento é um processo fonológico que aparece em crianças, falantes do Português Brasileiro, em desenvolvimento fonológico típico, porém em idades muito precoces. Raramente aparece em crianças acima de três anos. No desenvolvimento típico, a correlação entre a idade e o processo de enurdecimento é negativa, ou seja, quanto maior a idade, menor o aparecimento do enurdecimento [...] (ARNAUT; AVILA, 2018, s/p)

Os processos fonológicos são fenômenos comuns às línguas naturais e podem ser percebidos na fala e na escrita, tanto do ponto de vista sincrônico (num dado momento da língua), quanto do ponto de vista diacrônico (no decorrer da formação e evolução da língua) (SILVA, 2001). Seja do ponto de vista diacrônico ou do ponto de vista sincrônico, a linguagem, em sua essência, é passível de ocorrências de tais processos, em suas realizações. Naturalmente, conforme pudemos observar nos quadros acima, a transposição desses processos para a escrita é frequentemente realizada podendo ocasionar desvios da convenção ortográfica que tem suas regras próprias. As amostras apresentadas evidenciam a recorrência dos processos fonológicos na escrita de estudantes das duas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Não se trata aqui de desvios naturais próprios do processo de aquisição da escrita. Mas observamos desvios ortográficos motivados sob a influência da fala no registro escrito, muitas vezes ocasionada pela tentativa de simplificar a articulação de determinados sons.

Em seu desenvolvimento e evolução, a escrita passa por um processo complexo o qual precisa ser bem compreendido, pois envolve, de acordo com Oliveira e Nascimento (1990), mecanismos de natureza “percepto-cognitiva, de um lado, e de natureza linguística de outro” (OLIVEIRA, 1990, p. 37). Sob esta ótica, no registro escrito, os “erros” e/ou acertos podem representar particularidades da convenção escrita, mas também interferências de mecanismos linguísticos próprios da competência linguística de cada falante em seu ato de escritura (OLIVEIRA, 2005) e “cada um dos tipos de fenômenos pode envolver um tipo de aprendizagem e/ou um tipo de ação pedagógica diferente” (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 1990, p. 37).

Desse modo, é imperativo ao professor conhecer a natureza dos “erros” de escrita encontrados nos textos de seus alunos, a fim de que as intervenções sejam efetivamente positivas e as dificuldades sanadas. A compreensão da influência de tais processos nos desvios de ortografia transpõe o estudo técnico das normas e estruturas da escrita ortográfica, sobretudo no sentido de nortear professores formados e/ou em formação quanto ao modo de perceber e avaliar as dificuldades ortográficas encontradas nos textos de seus alunos. Em função desse entendimento, pesquisas têm sido desenvolvidas com objetivo de não apenas descrever processos fonológicos motivadores de desvios ortográficos, mas também discutir o papel desses processos nas práticas de escrita, uma vez que a incidência deles em textos escolares ultrapassa a fase de aquisição da escrita.

### **Considerações finais**

O estudo dos processos fonológicos não se esgota e a sua realização na linguagem oral e escrita tem recebido a atenção de muitos pesquisadores. No entanto, a maior parte da literatura sobre tais processos aborda a questão em sua realização na linguagem oral. Os estudos sobre a incidência destes processos na escrita ainda são relativamente escassos se comparados, proporcionalmente, à quantidade de pesquisas destes processos na fala. A apresentação dos dados confirma a hipótese apresentada na introdução deste trabalho, pois os textos analisados, em duas realidades distintas, ainda apresentam incidências significativas de processos fonológicos na escrita, embora produzidos por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II.

Por se tratar de uma pesquisa em caráter inicial, os resultados encontrados ainda são incipientes, mas parecem indicar que a recorrência dos processos fonológicos na escrita dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II é frequente, refutando a ideia de que, à medida em que se avança o nível de escolaridade, os processos ou não são encontrados ou são encontrados numa frequência menor. O inventário de tais processos nos textos analisados nos permite entender que nenhuma realização da língua se dá ao acaso; há uma razão de ser e de se realizar, conforme atestam os dados apresentados. É importante que o professor identifique a natureza dos “erros” ortográficos manifestados por seus alunos: se são cometidos por desconhecimento das normas ou por transposição dos processos fonológicos da oralidade para a escrita.

Os resultados deste estudo certamente ampliarão a reflexão e (re) avaliação de ações didáticas, significações e conceitos agregados em torno da escrita dos estudantes oriundos do Ensino Fundamental II e, quiçá, Ensino Médio, cujas práticas de escrita poderão ser discutidas em pesquisas futuras.

## Referências

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e linguística**. 11.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

MARTINS, R.M. Processo fonológico. **Glossário Ceale**. Disponível em:  
<<https://ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale>, Acesso em 16 de jul.2019.

DUBOIS, Jean et all. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

MARQUILHAS, R. **Gramática histórica do português**. Disponível em  
<http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/gramhist/fonetica.html>. Acesso em 29 jan. 2020

MELO, S. M.M. S. **Processos fonológicos presentes na escrita: um estudo de caso com alunos do 9º ano de uma escola da rede estadual do Recife**. Dissertação de Mestrado. Recife, 2015.

OLIVEIRA, M.A.; NASCIMENTO, M. Da análise de “erros” aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte (12): 33-43, dez.1990.

OLIVEIRA, M. A. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador**. Belo Horizontte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SILVA, F.M. **Processos fonológicos segmentais da Língua Portuguesa**. Littera Online, 2011.

SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

### SOBRE O( A/S) AUTOR(A/S):

#### **Virgínia Maria Ferreira Silveira Baldow**

Doutoranda em Linguística- Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin).  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: [virginiabaldow@gmail.com](mailto:virginiabaldow@gmail.com)

#### **Alcione de Jesus Santos**

Doutoranda em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [alcionesaint@gmail.com](mailto:alcionesaint@gmail.com)

## Vera Pacheco

Doutora em Linguística (UNICAMP). Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin- UESB). E-mail: [vera.pacheco@gmail.com](mailto:vera.pacheco@gmail.com)